

^d Prefeitura de Cubatão, Cubatão, SP, Brasil

^e Secretaria de Estado da Saúde de São Paulo (SES/SP), São Paulo, SP, Brasil

A OMS estabelece como métricas para avaliação da transmissão comunitária da COVID-19 a ocorrência de casos novos, mortes, internações e positividade da testagem sentinela. A testagem sentinela por razões econômicas e logísticas não ocorreu no Brasil e sempre atuamos sob indicadores já ocorridos. Considerando a relevância da transmissão assintomática, sobretudo com a expansão da vacina, e a necessidade de aprimorar a vigilância sobre a circulação viral implementamos um projeto sentinela na cidade de Cubatão na região da Baixada Santista em São Paulo. Realizamos semanalmente, aos sábados, dois testes para cada 1000 habitantes em todas as regiões do município, incluindo as mais socialmente desafiadoras, respeitando as bases e divisões dos setores censitários do IBGE. Aplicamos o TCLE e coletamos um questionário em meio digital com dados demográficos, clínicos e epidemiológicos. Entre 31/07 e 25/09/21 foram realizados 2185 testes (Panbio-AbbottR). Foram identificados 6 casos positivos no período (0,3%). A mediana de idade dos testadas foi de 49 anos, sendo 51,8% do sexo feminino. Em média, ao longo do período de testagem, 51,1% da amostra avaliada havia tomado 2 doses de vacinas dentro do prazo e foi possível avaliar a evolução da cobertura vacinal no período. Na última data de inquérito no período (25/09/2021), 75,59% da amostra estava plenamente vacinada e quase a totalidade com uma dose ao menos. Os resultados de baixa positividade alinham-se com a redução na demanda por consultas em PA por COVID (menos 70%), por internações (menos 97%) e por vagas em UTI (menos 98%) comparando-se os meses entre março (pico) e agosto de 2021. Alinham-se ainda à redução de positividade do RT-PCR entre sintomáticos de 88% para o mesmo período (de 43,6 para 4,9%). Entre 30/08 e 08/09/21 100% das variantes isoladas no município são delta e nenhum dos pacientes teve evolução desfavorável com necessidade de internação. O uso da testagem sentinela mostrou-se uma ferramenta útil no processo da gestão dos leitos e decisões estratégicas da secretaria de saúde, teve excelente aceitação e performance sem nenhuma perda, foi sensível e esteve em linha com os dados compilados pela gestão. Seu uso deve ser realizado como ferramenta útil no monitoramento precoce e antes que desfechos clínicos mais severos estejam concretizados. Por fim, está evidente a performance da vacina como ferramenta essencial na proteção contra formas graves da COVID e na contenção da expansão da variante delta.

<https://doi.org/10.1016/j.bjid.2021.102065>

PI 070

PULSOTERAPIA COM METILPREDNISOLONA NA SÍNDROME DE HIPERFERRITINEMIA DA COVID-19. RELATO DE DOIS CASOS

Jaques Sztajn bok, Mariana Lanna Magalhães, Nidyanara Francine Castanheira de Souza, Murillo Crivillari, Ceila M.S. Malaque

Instituto de Infectologia Emílio Ribas, São Paulo, SP, Brasil

Introdução: Hiperferritinemia à admissão é reconhecida como determinante de desfecho desfavorável em COVID-19. Mas a ferritina plasmática é também um sensível biomarcador de grande utilidade na monitorização da atividade inflamatória nestes pacientes.

Relato de caso: Apresentamos dois casos nos quais a monitorização contínua deste biomarcador permitiu a detecção de Sd. Hiperferritinêmica que responderam favoravelmente à pulsoterapia com metilprednisolona. Caso 1 - Paciente do sexo masculino, 28 anos, previamente hígido. Negava comorbidades. Internado em nosso serviço no sexto dia de sintomas da COVID-19, evoluindo para SRAG. Cursou ao longo dos dias com piora expressiva do padrão respiratório, sendo necessária a realização de intubação orotraqueal. Concomitantemente à deterioração respiratória, exames laboratoriais evidenciaram aumento abrupto de proteína C reativa e de ferritina. Suscitada a hipótese de síndrome hiperferritinêmica. Assim, optou-se pela instituição de pulsoterapia com Metilprednisolona 1g/dia EV por 05 dias. Paciente evoluiu com melhora do padrão respiratório e queda da ferritina, sendo extubado dez dias depois. Caso 2 - Paciente do sexo feminino, 49 anos. Apresentava sobrepeso e hipertensão arterial sistêmica. Internada no nosso serviço no sétimo dia de sintomas da COVID-19. Evoluiu para SRAG, realizada intubação orotraqueal de urgência. Ao longo da internação, cursou com múltiplas complicações como infecção de corrente sanguínea, candidemia, pneumonia associada à ventilação, insuficiência renal aguda, infecção intestinal por *Schistosoma mansoni* e *Giardia lamblia* e TRALI - lesão pulmonar aguda associada à transfusão. Além da deterioração clínica progressiva, apresentou aumento significativo dos níveis de ferritina, caracterizando uma síndrome hiperferritinêmica, o que motivou a instituição de pulsoterapia com Metilprednisolona 1g EV ao dia por três dias. Após quarenta e quatro dias em ventilação mecânica, foi possível a transição para nebulização em traqueostomia. Recebeu alta após cinquenta e sete dias de internação hospitalar, confortável em ar ambiente, com sequela de tremor de extremidades e marcha atáxica.

Discussão: A partir desses dois relatos de casos, propomos uma discussão sobre a associação entre COVID-19 grave e síndrome hiperferritinêmica, com suas possíveis abordagens terapêuticas.

<https://doi.org/10.1016/j.bjid.2021.102066>

PI 071

REAÇÃO URTICARIFORME À VACINA CONTRA A COVID-19: RELATO DE UM CASO

Rhélison Bragança Carneiro ^a,
Angélica Santos Moraes ^a,
Nathália Vitorino Araújo ^a,
Amália Campos Milani e Silva ^b

^a Centro Universitário UNIFACIMED, Cacoal, RO, Brasil

^b Policlínica Municipal de Cacoal, Cacoal, RO, Brasil

Introdução: A Pfizer/BioNTech é uma vacina baseada em RNA mensageiro (mRNA) encapsulado por uma nanopartícula lipídica estabilizada pelo polietilenoglicol (PEG). O polímero está relacionado a reações de hipersensibilidade tipo I, dentre as quais encontram-se a urticária, o angioedema e a anafilaxia.

Relato de caso: Paciente do sexo masculino, dezessete anos de idade, previamente hígido, apresentou reação alérgica um dia após aplicação da primeira dose do imunizante para a COVID-19 da farmacêutica Pfizer/BioNTech, manifestando angioedema em face e erupções urticariformes sistêmicas associadas a prurido e rubor local com início após vinte e quatro horas da aplicação. Nega alergias ou demais sintomas associados. Após vinte dias de início do quadro, o paciente procurou o ambulatório médico onde foi prescrito dicloridrato de hidroxizina 25 mg três vezes ao dia por 10 dias e prednisolona 40 mg pela manhã por 10 dias, com o qual obteve melhora do quadro. A segunda dose do imunizante foi contraindicada por risco de reação anafilática, sendo optado por vacina que não utilize o PEG como excipiente.

Comentários: a reação alérgica pode ocorrer após a exposição a diferentes tipos de alérgenos, no entanto, reações urticadas após a vacina são raras. Dessa forma, descartando os componentes que geralmente estão presentes na maioria das vacinas, os componentes inativos e excipientes podem atuar como determinantes antigênicos. Devido a escassa literatura sobre reação alérgica a esses elementos, o mecanismo alérgico evidenciado ainda é pouco compreendido podendo envolver reações IgE e não IgE mediadas. Embora a reação urticariforme à vacina da COVID-19 ainda seja considerada um fenômeno raro, é necessária a investigação, notificação e avaliação de forma individual para definição da melhor conduta.

<https://doi.org/10.1016/j.bjid.2021.102067>

PI 072

REALIZAÇÃO DE SOROLOGIA PAREADA PARA COVID-19 EM PUÉRPERAS E RECÉM-NASCIDOS NO MOMENTO DA TRIAGEM NEONATAL

Gabriela Soutto Mayor Assumpção Pinheiro ^a,
Aline Almeida Bentes ^b,
Claudia Regina Lindgren Alves ^b,
Vivian M.G.O. Azevedo ^c,
Stela Maris Aguiar Lemos ^d,
Mila Lemos Cintra ^e, Gabriela Cintra Januário ^f,
Jose Nelio Januario ^e,
Isadora de Araújo Martins ^a,
Juliana Wilke Saliba ^f,
Ana Beatriz Araújo de Souza ^a,
Laura Gregório Pires ^a,
Gabriela Lousado Mesquita ^a

^a Faculdade de Medicina, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, MG, Brasil

^b Departamento de Pediatria, Faculdade de Medicina, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, MG, Brasil

^c Faculdade de Educação Física e Fisioterapia, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, MG, Brasil

^d Departamento de Fonoaudiologia, Faculdade de Medicina, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, MG, Brasil

^e Núcleo de Ações e Pesquisa em Apoio Diagnóstico, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, MG, Brasil

^f Secretaria de Estado de Saúde de Minas Gerais, Belo Horizonte, MG, Brasil

Introdução: Entender transferência transplacentária de anticorpos é essencial para adequação de protocolos assistenciais, e estudos em vacina nestas populações (FLANNERY et al., 2021; SONG et al., 2021). Trata-se de estudo piloto do projeto “Inquérito sorológico em papel filtro para SARS-COV-2 em recém-nascidos e suas mães, e monitoramento do desenvolvimento nos primeiros 2 anos vida”, aprovado pelo comitê de ética da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) (CAAE: 42269021.9.0000.5149).

Métodos: Estudo transversal realizado em cinco cidades de Minas Gerais de abril a junho de 2021. Foram convidadas a participar todas as mães que levaram seus filhos à unidade básica de saúde até o 7º dia de vida para triagem neonatal. Foi realizada punção de calcanhar nos bebês e digital nas mães. As amostras, conservadas em papel filtro e testadas para IgG anti Sars-Cov-2 pelo método ELISA, kit Allserum EIA COVID-19 IgG-Dried Blood Spot (MBIOLOG, 2020). Foi tentado contato telefônico com todas as díades em que mãe e/ou recém-nascido eram reagentes e com parcela sorteada das díades negativas, e aplicado questionário sobre as condições sociodemográficas, gestacionais e perinatais.

Resultados: Foram coletadas 847 amostras pareadas, em 144 (17%) a mãe e/ou criança eram reagentes (122 mães responderam ao questionário). Entrevistamos 111 mães de díades não reagentes, totalizando 233 mães. Da amostra, 94 mães (40,34%) eram reagentes, sendo que em 82,97% dos casos a sorologia do bebê foi concordante. Já entre as mães não reagentes (n=125), identificamos 14,40% de bebês reagentes. Houve ainda 14 mães com sorologia indeterminada, e destas, 71,42% dos bebês teve sorologia positiva. Das mães reagentes, 34,04% negaram suspeita de COVID durante a gestação; 56,38% relataram suspeita clínica e laboratorial da doença, sendo esta predominante no 3º trimestre (74,07%). Entre as mães não reagentes, a taxa de suspeita de COVID na gestação cai para 17,30% e predomina no 1º e 2º trimestres (83,33%). 5 mães haviam sido vacinadas na gestação.

Conclusão: Nosso estudo auxilia no entendimento sobre a imunogenicidade em puérperas assintomáticas, transferência passiva de anticorpos e possíveis casos de infecção vertical. Possui a limitação de a suspeita de doença na gestação se basear no relato das mães.

<https://doi.org/10.1016/j.bjid.2021.102068>